

Narrar, Ser Mãe, Ser Pai & Outros Ensaios sobre a Parentalidade

Resenha | GUTFREIND, Celso. *Narrar, Ser Mãe, Ser Pai & Outros Ensaios sobre a Parentalidade*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

Claudia Kowarick Halperin

Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Celso Halperin

Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Em *Narrar, ser mãe, ser pai & outros ensaios sobre a parentalidade*, Celso nos narra. Narra o tempo todo sobre a importância de narrar. Narrar para ser pai, narrar para ser mãe, narrar para ser psicanalista, narrar para ser filho, narrar para ser alguém. Narrar para existir. Narrar sempre. Narrar com palavras, com gestos, com sons, com imagens, com movimentos, mas narrar. Narrando se constrói um mundo de metáforas, espaço transicional em que cada um pode percorrer o terreno das ilusões, o terreno da continuidade/descontinuidade entre o eu e o mundo não eu.

Podemos falar em brincar. Pode-se brincar com nada ou com tudo. Pode-se brincar com bonecos, com bola, com música, com argila, com os astros, com tinta, com o amor, com o corpo e tudo mais. Celso fala do brincar com as palavras, com a narrativa. Ao narrar somos ouvidos, e ao ouvir criamos um narrador. Nesse espaço criado, a narrativa pode ser o fio condutor: a palavra, a musicalidade, a entonação, a harmonia vão instalando o simbólico. Do que há e do que não há. Mas mantendo o movimento e a mobilidade da busca da vida.

Celso é radical: a parentalidade é produzida pela narratividade. Pais se tornam pais pela narratividade, por contarem suas histórias de filhos, de

netos, de pais e todas as outras. Inclusive as inventadas. Narrar é promover o encontro, o encontro com o outro, o encontro com a palavra. Celso nos mostra no livro como se tornar escritor/pai/filho pela forma como narra ao leitor/filho/paciente.

Se a parentalidade (e a psicanálise) se dá pela narrativa, saliente-se o papel ativo e dinâmico dos protagonistas, narradores e ouvintes, para que esse momento seja construído. A narrativa cria, ordena e seduz. E o autor chama a nossa atenção para a importância da narrativa que abra espaço. O espaço necessário para que o outro não só participe, mas, mais do que isso, que seja tentado e encorajado a também narrar, junto e/ou separado.

Isso tudo porque é frágil a posição do narrador: ele tem que ter o aporte narcísico para assumir a narratividade e, portanto, a parentalidade, mas, por outro lado, corre o perigo natural de ficar locupletado com a própria narrativa. Corre o risco de se sentir não só um narrador, um narrador criativo, mas O narrador, em que só as suas criações têm lugar, em que o outro não consegue se colocar como ouvinte ou participante de outras narrativas, sente-se envolvido por um discurso opressor (Barthes) como no exemplo do filme *Peixe-grande*.

E aqui Celso chama a atenção para o cuidado que os pais e os psicanalistas devem ter: todos podem ser narradores, protagonistas da narrativa; a começar pela própria história de cada um. O narrador cria e recria a função parental, inclusive para si próprio. E também para os outros e para si próprio através dos outros. É papel de o terapeuta cuidar (inclusive pela própria narrativa) para que todos os protagonistas em cena, no consultório ou na rua, sejam também narradores, sentindo-se assim participantes da história. Essa função analítica é muito bem sintetizada por D. Stern, trazido pelo autor, quando fala na necessária harmonização ou sintonia afetiva.

Celso nos fala da importância da narrativa no geral e no específico, utilizando-se de histórias clínicas dele e outras da cultura. Quando nos fala de Alice no “maravilhoso país da parentalidade”, Celso ressalta o hino de amor às palavras, à prosódia, de uma narrativa sempre dentro do lúdico, buscando o real, construindo o maravilhoso mundo simbólico de Carrol.

Ao abordar *Por que sou gorda, mamãe?* Celso faz uma interessante correlação desse livro da Cíntia com a famosa *Carta ao pai*, de Kafka, lembrando Lebovici na importância não só da narratividade dos pais, mas também no estímulo à capacidade narrativa dos filhos, inclusive para inventar os pais.

Para que haja narratividade, Mario Quintana, trazido por Celso, fala-nos da importância do ritmo: “[...] Fora do ritmo, só há danação/Fora do ritmo, não há salvação”. E Quintana se confirma na forma narrativa empregada pelo Celso, em que somos apanhados em um embalo rítmico que se supera e alcança o ápice nas suas descrições clínicas. É comovente o relato poético que Celso faz do caso clínico “É fogo”. Aqui o autor aplica, com maestria, sua experiência de aluno leitor: “A ficção nos torna mais sensíveis do que o texto técnico e também guarda mais verdades”.

Embora o livro não forneça receitas, aponta um caminho: aceitar o que se é (e o que se pode) e estar mais ou menos em dia com a sua história, com a sua infância, tal como nos ensina Fernando Pessoa:

A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou (...)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Claudia Kowarick Halperin
Rua Mariante, 288/78
90430-180 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: kowarickhalperin@uol.com.br

Celso Halperin
Rua Mostardeiro, 157/905
90430-001 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: halperin@uol.com.br